



COLETIVO DE MULHERES
DO SENGE-VR



REVISTA UNA

COLETIVO DE MULHERES
DO SENGE-VR
EDIÇÃO 01 - DEZEMBRO 2021



GESTAÇÃO E PANDEMIA

Mulheres têm direito
assegurado por lei

ENTREVISTA



Engenheira Patrícia
Teodoro André fala de
sua trajetória e dos
desafios da profissão

LEI MARIA DA PENHA

15 anos da lei e ainda
precisamos falar muito
sobre ela


SENGE - VR
SINDICATO DOS
ENGENHEIROS DE
VOLTA REDONDA

fisenge
FEDERAÇÃO INTERESTADUAL DE
SINDICATOS DE ENGENHEIROS

EDITORIAL

Cara leitora e leitor,

O Sindicato dos Engenheiros de Volta Redonda (Senge-VR), através do seu Coletivo de Mulheres, vem apresentar o nosso mais novo meio de comunicação para levar informações às mulheres, às engenheiras, arquitetas e tecnólogas, a **Revista UNA**. E a primeira edição sai em um dia especial, Dia do Engenheiro e Engenheira e da Engenharia, 11 de dezembro.

O nosso Coletivo foi criado em 2015, por incentivo de nossa diretoria e após inúmeras participações nas reuniões do Coletivo de Mulheres da Federação Interestadual de Sindicatos de Engenheiros (Fisenge).

Entre os objetivos do Coletivo estão: a formulação de ações sobre empoderamento feminino, a realização de campanhas sobre direitos das mulheres, valorização profissional e combate à violência e todas as formas de opressão, além da luta pela ampliação do número de mulheres nos espaços de poder, pela valorização profissional das mulheres, das engenheiras, arquitetas, tecnólogas, pelo reconhecimento nas áreas de pesquisa, ciência e tecnologia, pelo Estado Democrático de Direito, pela soberania nacional e por uma sociedade justa e igualitária.

O Coletivo também realiza ações em conjunto com outras entidades, como a Associação de Mulheres Beth Lobo de Volta Redonda, Sindicato dos Trabalhadores Empregados Domésticos, da Construção Civil, dos Metalúrgicos, e outras, com participação em Conselhos Municipais de Volta Redonda, na Red de Mujeres de UNI Américas, além de eventos de valorização e qualificação profissional com Crea, Confea, Mútua, Fisenge, AEVR.

Agradeço a todos os diretores do Senge-VR e seus colaboradores, por nos incentivar, apoiar e vibrar com todos os nossos projetos; ao Crea-RJ por compreender a minha ausência e incentivar a participar de alguns eventos do Coletivo de Mulheres e da Fisenge; ao Coletivo de Mulheres da Fisenge, e a Associação de Mulheres Beth Lobo pela parceria nos trabalhos realizados.

Não fique só, fique sócia!

Não fique só, fique sócio!

Venha participar e ajudar a esmerar os nossos trabalhos!

Neide Aparecida dos Santos

Coordenadora do Coletivo de Mulheres,
Diretora e Vice-Presidente do Senge-VR

EXPEDIENTE

Revista Digital do Coletivo de Mulheres do Sindicato dos Engenheiros de Volta Redonda (Senge-VR)

Email: coletivodemulheressengevr@gmail.com

Edição 01 - Dezembro de 2021

DIRETORIA

Presidente: Fernando Elias Vieira Jogaib

Vice-presidente: Neide Aparecida Santos

Diretor de Formação: Sandro Rosa Correa

Diretor Suplente de Formação: Éder Jose Siqueira

Diretor de Imprensa e Comunicação: Darker Valério Pamplona

Diretor Suplente de Imprensa e Comunicação:

Antônio Otávio Espíndola

Diretor de Base: Marcus Vinícius de Almeida

Diretor Suplente de Base: Luiz Eduardo Couto

Figueiredo

Diretor de Relações Externas: Fernando Luiz Miterhof

Diretor Suplente de Relações Externas: Nelson Neves Teixeira

Diretor de Administração e Finanças: Sidnei Francisco

Diretor Suplente de Administração e Finanças: Carlos Roberto R. da Silva

Diretor de Tecnologia: Tiago Duarte Amorim

Diretor Suplente de Tecnologia: Lúcia Valéria A. do Nascimento

CONSELHO FISCAL

TITULARES:

Ademir Geraldo do Nascimento

Antônio Carlos Sarkis Issa

Iveraldo de Oliveira

SUPLENTES:

Antônio Carlos Tavares Cordeiro

Alline Oliveira Gonçalves

Genésio Moreira da Cruz

DELEGADOS REPRESENTANTES

Alexandre Fernandes Habibe

Carla Ferreira do Nascimento

Fabíola de Souza Viana

Sérgio Luiz Taranto de Reis

Coordenação:

Neide Aparecida / Cíntia Moreira

Alline Gonçalves / Lúcia Nascimento

Endereço: Rua 21, 48 - Vila Santa Cecília, Volta Redonda/RJ - CEP 27260-280

Telefones: 24 3343-1606 / 98823-8891 (Whatsapp)

ACORDOS COLETIVOS PODERÃO TER CLÁUSULAS DE COMBATE À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Propostas foram desenvolvidas pelo Coletivo de Mulheres da Fisenge

A Fisenge (Federação Interestadual de Sindicatos de Engenheiros) divulgou, recentemente, uma ação importante para garantir direitos das mulheres. Idealizada pelas engenheiras do Coletivo de Mulheres, foram lançadas duas propostas de cláusulas sobre combate à violência doméstica para os acordos coletivos. De acordo com a engenheira civil e Diretora da Mulher da Fisenge, Eloísa Moraes, é fundamental que os locais de trabalho promovam ações e campanhas elucidativas sobre o fim da violência doméstica e contribuam para uma cultura de não violência às mulheres. “Outro objetivo é também estimular a organização sindical sobre debate de gênero, para que as entidades sejam mais acolhedoras e compreendam que a pauta das mulheres é transversal nas negociações. Já conquistamos direitos fundamentais, como a licença-maternidade, mas é preciso que avancemos no combate à violência contra a mulher”, afirmou.

Eloísa ainda destacou que as cláusulas foram inspiradas pela campanha do “Sinal Vermelho” criada pelo Conselho



Nacional de Justiça (CNJ) e Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB). O sinal “X” feito com batom vermelho (ou qualquer outro material) na palma da mão ou em uma folha de papel, o que for mais fácil, permite que a pessoa que atende em estabelecimentos comerciais ou mesmo em espaços públicos reconheça que aquela mulher foi vítima de violência doméstica e, assim, promova o acionamento da Polícia Militar. Em muitos municípios e estados, a campanha se tornou fruto de projeto de lei e vigora como legislação.

Conheça as cláusulas:

- Que as empresas promovam internamente campanhas, por meio de cartazes, endomarketing e mensagens eletrônicas, sobre a campanha Sinal Vermelho.
- Que as empresas promovam, em parceria com os sindicatos, palestras sobre direitos das mulheres, combate à violência doméstica e como atuar na campanha “Sinal Vermelho”.

Fonte: Fisenge

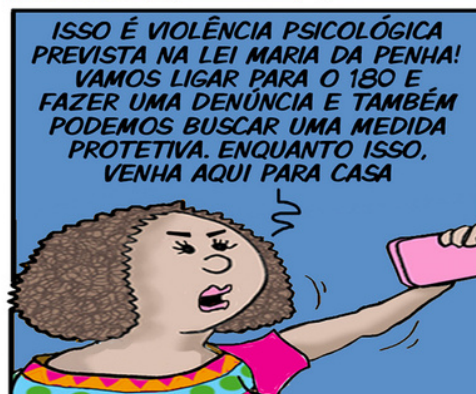
QUADRINHOS DA ENGENHEIRA EUGÊNIA VALORIZAM LUTA DAS MULHERES CONTRA VIOLÊNCIA E POR MELHORES CONDIÇÕES DE TRABALHO

Criadas em 2013, as histórias em quadrinhos da Eugênia procuram, em linguagem simples e ilustrada, trazer discussões atuais que envolvem o cotidiano de trabalhadoras e trabalhadores. Eugênia representa uma das muitas faces das mulheres engenheiras: prestes a completar 40 anos, sendo 15 de profissão, ela é negra, recém-divorciada e mãe de dois filhos. Está sempre atenta para dialogar sobre questões como a defesa dos direitos humanos e trabalhistas, respeito à diversidade e igualdade de gênero. As tirinhas mensais também pautam discussões que vão além do ambiente de trabalho, envolvendo sindicatos, movimentos sociais, família e amigos.

O formato em animação foi uma aposta bem feita do Coletivo de Mulheres da Fisenge para diversificar e levar o trabalho para mais pessoas. A produção da animação foi feita pelo Estúdio Zota, do Espírito Santo, e as ilustrações são do artista Pater. Curta, compartilhe e faça sugestões para novas histórias!

Para falar com a Eugênia, o email é engenheiraeugenia@gmail.com

Eugênia - a engenheira



PRECISA FALAR COM O SENGE-VR?

Respeitando as medidas de enfrentamento à pandemia, o Senge-VR está com funcionamento de forma remota.

Telefone

24 98823-8891

De 13h30 às 17h30

Email

senge-vr@senge-vr.org.br

www.senge-vr.org.br



FEDERAÇÃO INTERESTADUAL DE SINDICATOS DE ENGENHEIROS

Coletivo de Mulheres



MÚLTIPLAS JORNADAS: O HOME OFFICE NA VIDA DA MULHER

Casa, filhos, trabalho, prazos e obrigações. A sobrecarga da mulher durante a pandemia ficou evidenciada em função do home office, que lançou luz ao tema e mostrou consequências graves na saúde mental das trabalhadoras.

E os dados comprovam isso. Em 2019, pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontou que o trabalho doméstico e, conseqüentemente, a dupla jornada recaem principalmente sobre as mulheres da família.

O levantamento constatou que, em média, as mulheres dedicam 18,5 horas semanais aos afazeres domésticos e cuidados de pessoas como crianças e idosos. A média dos homens praticamente a metade – apenas 10,3 horas semanais gastas nessas atividades.

Ainda não há dados do período pandêmico, mas é correto afirmar que em home office há a soma das atribuições e responsabilidades, junto com a cobrança de produtividade. Pesa sobre a conjuntura o fato de a pandemia ter aprofundado as desigualdades de gênero. Um estudo realizado por Maria Bridi e Giovana Bezerra, da Rede de Monitoramento Interdisciplinar da Reforma Trabalhista (Remir), constatou que homens e mulheres vivenciam o trabalho remoto de formas distintas. O grupo utilizou software de análise textual para verificar essas distinções, com base nos termos usados por homens e mulheres.

Segundo o trabalho, os termos recorrentes para as mulheres estavam relacionados à dificuldade de concentração e às interrupções que sofrem durante a atividade de home office. Já para os homens, o termo “dificuldade” aparece ligado à falta de contato com os colegas.



Gestantes

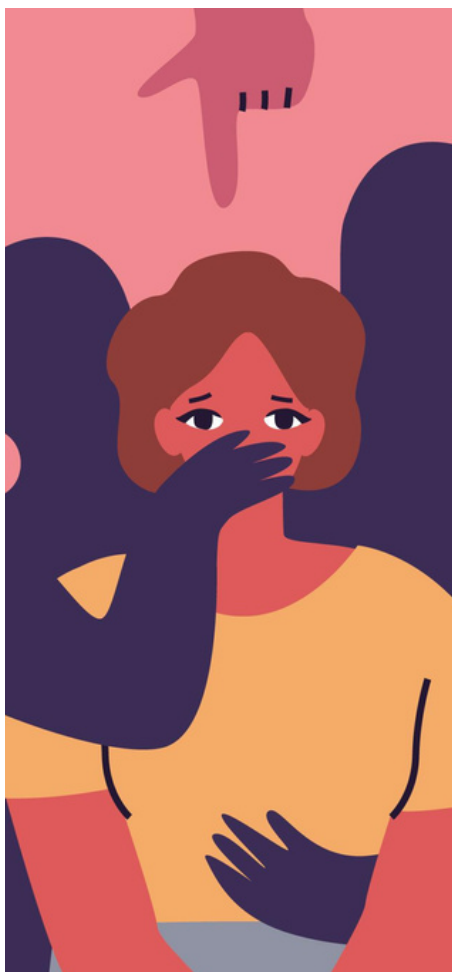
O primeiro ponto importante de ser esclarecido é que o direito ao trabalho remoto segue sendo garantido por lei enquanto durar o estado de calamidade pública instaurado por lei federal devido a pandemia, medida conhecida como Lei da gestante na pandemia, que também proíbe a demissão de mulheres grávidas afastadas do trabalho presencial.

O prazo para encerramento da situação de crise sanitária no país é 31 de dezembro, com isso, a lei da gestante é válida até esta data. Caso aconteça a prorrogação do estado de crise de saúde, a lei acompanha o mesmo prazo. Ou seja, enquanto durar o estado de calamidade pública, mulheres grávidas não podem ser obrigadas a retornarem ao trabalho presencial e nem demitidas caso não possam trabalhar de casa. Em ambos os casos, o pagamento do salário deve se manter integral e constante pela empresa contratante por obrigação judicial garantida pela lei da gestante na pandemia.

15 ANOS DA LEI MARIA DA PENHA

Dados da ONU mostram que o Brasil ocupa o 5º lugar, entre 84 países, no ranking dos que mais matam mulheres em decorrência da violência doméstica. Conforme mostra o 15º Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 1.350 mulheres brasileiras foram assassinadas pelo fato de serem mulheres em 2020. Já em relação às agressões registradas como lesão corporal dolosa, o ano passado contabilizou 230.160 registros.

A Lei Maria da Penha foi sancionada em 7 de agosto de 2006 pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Com 46 artigos distribuídos em sete títulos, ela cria mecanismos para prevenir e coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher em conformidade com a Constituição Federal (art. 226, § 8º) e os tratados internacionais ratificados pelo Estado brasileiro (Convenção de Belém do Pará, Pacto de San José da Costa Rica, Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem e Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher).



**"TODOS OS DIAS,
MULHERES MORREM
APENAS POR SEREM
MULHERES E ISSO
PRECISA PARAR"**

Ela considera que existem muitos tipos de violência que são praticados contra as mulheres. Dentre as mais comuns, podemos destacar a violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral.

“Ainda há muito para avançarmos no que diz respeito aos direitos da mulher, mas quando se

trata de violência, seja ela da forma que for, é preciso urgência. Todos os dias, mulheres morrem apenas por serem mulheres e isso precisa parar”, disse a responsável pelo Coletivo de Mulheres do Senge Volta Redonda, Neide Aparecida Santos.

Alterações

Para aprimoramento da Lei, desde o início de 2020, 11 proposições passaram pelo Senado pedindo alterações. Uma delas já consta na legislação: a Lei 14.188, de 2021, que cria o Programa Sinal Vermelho contra a Violência Doméstica e Familiar. Oriunda do PL 741/2021, a norma estabelece, entre outras medidas, a letra X escrita na mão da mulher, preferencialmente na cor vermelha, como um sinal de denúncia de situação de violência em curso.

Em agosto, mais uma lei que trata do tema foi sancionada. É a de número 14.192, que estabelece regras para prevenir, reprimir e combater a violência política contra a mulher, criminaliza abusos e determina que o enfrentamento a esse tipo de violência faça parte dos estatutos partidários.



@coletivodemulheresvr



@senge_vr



@coletivodemulheresvr



@sengevr

PATRULHA MARIA DA PENHA CONQUISTA PRÊMIO INTERNACIONAL

Uma importante ação de combate à violência e proteção das mulheres conquistou reconhecimento internacional. No dia 2 de dezembro, a Patrulha Maria da Penha – Guardiões da Vida foi agraciada com o prêmio na categoria “Boas Práticas Regionais” pela Organização das Regiões Unidas/Fórum de Governos Regionais e Associações Globais de Regiões (ORU Fogar) em conjunto com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). O programa é uma iniciativa do Governo do Estado do Rio, implementado pela Secretaria de Estado de Polícia Militar.

Dados :

Desde 5 de agosto de 2019 até o início de novembro de 2021, já foram realizados mais de 92 mil atendimentos às mulheres em situação de violência doméstica em todo o estado pelas 45 equipes especializadas. Foram 31.112 mulheres atendidas em todo o estado e 80% delas possuíam medidas protetivas. No mesmo



Magna Almeida, Tenente-coronel Cláudia, Neide e Conceição Santos

período, houve 382 prisões de agressores que, em sua maioria, não respeitaram as restrições impostas pela justiça.

O Coletivo de Mulheres do Senge-VR, em 2019, participou de uma Roda de Conversa com a Tenente-coronel da PM do Rio de Janeiro, Cláudia Moraes, que criou o programa Patrulha Maria da Penha, oportunidade em que apresentamos a Engenheira Eugênia e os trabalhos realizados pelo Coletivo.

Parabéns, Tenente-coronel Cláudia Moraes e todas as autoridades envolvidas nesse projeto crucial para a vida das mulheres.

A COLUNISTA ISABELLA ELOY CONTA COMO É O TRABALHO EM UMA ONG



Meu nome é Isabella, tenho 27 anos e trabalho como Analista Administrativo na Plan International Brasil. A Plan é uma organização mundial, sem fins lucrativos, ligações políticas ou religiosas e que tem como objetivo a defesa dos direitos das crianças, adolescentes e jovens, com foco na promoção de igualdade de gênero e no combate a todas as formas de violência contra meninas e meninos.

Descobri o trabalho da Plan em 2019 e, desde então, passei a acompanhar os projetos pelas redes sociais, me tornei doadora e sonhava em um dia fazer parte desse time. Depois de dois anos, meu sonho se realizou. Em 2021 entrei para a equipe administrativa para contribuir com a melhoria dos processos de compras, governança, assistência jurídica, dentre outras atividades.

Integrar a equipe da Plan é uma realização diária. Tenho o privilégio de colaborar com uma causa que acredito e que me toca profundamente ao mesmo tempo em que me desenvolvo profissionalmente e contribuo com o crescimento de uma instituição séria e muito comprometida com o que faz. E o melhor é que todos podem ser parte dessa equipe, pois é possível fazer doações pontuais, mensais ou, ainda, apadrinhar uma de nossas meninas. Para mais informações, acesse nosso site: <https://plan.org.br/>

Isabella Eloy é advogada

UNA ENTREVISTA:

ENGENHEIRA MECÂNICA E DE SOLDAGEM, PATRÍCIA TEODORO ANDRÉ FALA DA SUA TRAJETÓRIA E OS DESAFIOS DA PROFISSÃO

UNA: Quando você decidiu que a engenharia era a profissão que você queria seguir?

Patrícia: Minha trajetória começou em 2004 quando, muito influenciada pelo meu pai, decidi fazer o vestibular na Universidade Federal Fluminense (UFF) para Engenharia Mecânica. Eu não tinha muita noção do que se tratava, mas era apaixonada por Exatas. Meu pai era engenheiro civil, tinha uma empresa e me orientou durante os cinco anos, tanto nos cursos complementares, como nas matérias da universidade. Me formei em 2009 e eu sempre brinco que eu era um projeto que ele que montou. Ele quis ter uma filha engenheira e assim ele foi me orientando até que eu conseguisse chegar lá.

UNA: E o primeiro emprego? Aconteceu logo que saiu da universidade?

Patrícia: Formei em setembro de 2009 e, em 2010, consegui uma bolsa na UFRJ para fazer um mestrado na área de Engenharia Mecânica. Só que no mesmo ano também fui convidada para trabalhar na empresa chamada Instituto Brasileiro da Qualidade Nuclear. Com isso, optei por largar o mestrado e trabalhar. A empresa fica sediada no Rio de Janeiro e o foco principal era inspeções de equipamentos nucleares, tanto na parte de fabricação e na parte de montagem. Trabalhando nesta empresa que decidi pela pós-graduação em Engenharia de Soldagem e prestava serviços pa-



Patrícia enfrentou desafios e, hoje, trabalha na área que se especializou

ra a Indústrias Nucleares do Brasil (INB).

UNA: E você gostava da área de atuação?

Patrícia: Sempre fui muito apaixonada pelo que eu fazia. Infelizmente, em 2016, eu fui desligada da empresa por conta da crise que aconteceu no Brasil e que envolveu diversas empresas.

UNA: A crise realmente gerou muito desemprego. Você teve que deixar a engenharia de lado?

Patrícia: Eu fui ser dona do meu próprio negócio e comecei a empreender com um delivery de alimentação saudável. Permaneci um ano e eu falo que agregou muito na minha carreira. Aprendi muita coisa, empreender me tornou uma pessoa muito

mais humilde, amoleceu muito meu coração. Não tenho vontade empreender novamente, amo a minha engenharia e quem me conhece sabe o quanto eu lutei para voltar para o mercado de trabalho.

UNA: E conseguiu?

Patrícia: Em 2019, recebi uma proposta para trabalhar em uma empresa chamada Dox do Brasil, na área de logística, totalmente desconhecida, mas eu aceitei o desafio porque eu precisava voltar para o mercado. Eu tive que aprender outras coisas que realmente não eram da minha área, de inspeção e fiscalização. Em logística é tudo muito rápido, as informações são muito rápidas, mas aprendi na Dox do Brasil, onde permaneci por 1 ano e 2 meses.

UNA: Você saiu para novos desafios?

Patrícia: Sim. Me indicaram para uma empresa dentro da CSN um sonho realizado pra mim.

Eu brinco que meu sonho é ser engenheira especialista na CSN, mas para chegar lá vou ter que rodar muito ainda e comer muito arroz com feijão. Eu entrei em janeiro na empresa chamada SKE Inspeções. Foi quando voltei pra minha área. Era a engenheira responsável pelas caldeiras e vasos de pressão da CSN. Foi uma experiência incrível, pois foi só para ter um gostinho de como era trabalhar ali. Eu já havia estagiado, mas estar na empresa como profissional sempre foi minha vontade.

UNA: A experiência durou quanto tempo?

Patrícia: Trabalhei de fevereiro a abril deste ano dentro da CSN, foi quando o Instituto Brasileiro de Qualidade Nuclear (IBQN) abriu processo seletivo para o retorno das obras da Usina Nuclear de Angra 3. O salário era muito melhor, as condições de trabalho e o amor, já que minha formação era toda direcionada para área nuclear. Enviei meu currículo e me coloquei a disposição. Em abril me ligaram e chamaram. Fiz a entrevista com um gestor de contratos e fui convidada a voltar para o IBQN.

UNA: Como você enxerga esse período com toda essa transição?

Patrícia: Eu tinha passado por cinco anos muito difi-



ceis, de muito aprendizado. O restaurante veio me trazer um lado muito humano, que eu já achava que tinha, mas aprendi muito. Achava que eu tinha um coração bom, mas foi preciso ter um coração muito bom, que solicitou um teste para minha paciência e muita sabedoria. Estou muito feliz e coincide com um período de alegrias na vida pessoal também, pois descobri que estou grávida em outubro. Estou realizando mais um grande sonho, o maior

deles, mas que se encontra com o meu desejo de ser uma engenheira de sucesso.

UNA: Que bacana, Patrícia! E como você está se sentindo?

Patrícia: Muito feliz. A mulher no mercado de trabalho hoje em dia enfrenta esse desafio de ser mãe e de ser uma boa profissional. E acredito que podemos ser excelentes profissionais e mães. Temporariamente estou de home Office, apesar do meu trabalho ser muito de campo, hoje a empresa me passa relatórios e faço análises. Mas agora, além de engenheira, sou a mãe da Maria Júlia.

UNA: Quais os desafios que você ainda espera da profissão?

Patrícia: Continuo tendo sonhos e expectativas, como trabalhar na área de petróleo e gás. Com a chegada da Maria, preciso pensar mais um pouquinho, mas não vou abandonar esse sonho.

11 DE DEZEMBRO

Dia do Engenheiro e da Engenheira

PARABÉNS AOS PROFISSIONAIS QUE SÃO ESPECIALISTAS EM PROJETAR O FUTURO

FISENGE FAZ HOMENAGEM PARA DIRETORA DO SENGE-VR PELO MÊS DA CONSCIÊNCIA NEGRA

Campanha teve objetivo de valorizar os profissionais e conscientizar da importância do combate ao preconceito



A Fisenge fez uma publicação e apresentou a diretora do Senge-VR, Lúcia Valéria Albano do Nascimento. Com o título de 'Profissionais negras que você precisa conhecer', a publicação mostrou o trabalho dela.

Lúcia é arquiteta e pós-graduada em Engenharia de Segurança do Trabalho, atua no mercado de trabalho na área de projetos comerciais e residenciais e projetos de segurança do trabalho. Já fez parte da Cipa, participou das discussões para a reestruturação do Plano Diretor de Volta Redonda e integra o Coletivo de Mulheres do Senge-VR. A publicação está disponível nas redes sociais da Fisenge (@fisengefederacao).

Mais que um Feliz Natal, desejamos a você

AMOR, PAZ, SAÚDE E UM FELIZ 2022

SENGE - VR
COLETIVO DE MULHERES DO SENGE-VR